



O USO PRECOCE DO ÁLCOOL POR ADOLESCENTES NO BRASIL E UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO ESPAÇO SOCIAL COMUNITÁRIO, REFERENCIADO EM CARL ROGERS

Adriano Andrade Barboza

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
andradebarboza@gmail.com

Rosilene da Silva Cardoso

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
rosi.s.cardoso@hotmail.com

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de buscar respostas sobre a motivação do uso precoce do álcool por adolescentes no Brasil e seus efeitos nocivos, dentro do escopo de revisão bibliográfica. Ao apresentar a revisão de literatura, a partir de estudos e artigos pesquisados, buscou-se encontrar contribuições para desvendar elementos motivadores e aspectos referentes às consequências físicas, psicológicas e sociais do uso e abuso da bebida alcoólica por adolescentes. Nesse sentido, objetivou-se ainda apresentar elementos que pudessem subsidiar caminhos para a reflexão sobre políticas públicas voltadas para a prevenção e processo terapêuticos possíveis a fim de atender a demanda desse recorte da população apresentada no artigo. Para tanto, oportunizou-se o desenvolvimento de uma proposta de intervenção viável que venha a atender de alguma forma parte desta demanda, colocando em pauta o processo de afirmações e direcionamentos identitários ao adolescente nessa fase do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Alcoolismo. Adolescente. Educação. Psicologia. Saúde

THE EARLY USE OF ALCOHOL FOR TEENS IN BRAZIL AND A PROPOSAL INTERVENTION IN SPACE SOCIAL COMMUNITY, REFERENCED IN CARL ROGERS

Abstract

The objective of this article is to expose the main motivations of the Brazilian adolescents to make use of alcoholic beverages, and, its harmful effects; by means of scope of a bibliographical review. At present the literature review, from surveyed studies and articles, we sought to find contributions to unravel motivating factors and aspects related to physical consequences, psychological and social use and abuse of alcohol by adolescents. In this sense, the objective was also present elements that could support avenues for reflection on public policies for the prevention and possible therapeutic process in order to meet the demand of this crop the population presented in the article. For this, it enabled the development of a viable intervention proposal that will meet somehow part of this demand, by putting in question the process of statements and guidelines identity for the adolescents at this stage of human development.

Keywords: Alcoholism. Adolescence. Education. Psychology. Health





EL USO TEMPRANO DE ALCOHOL POR ADOLESCENTES EN BRASIL Y UNA PROPUESTA DE INTERVENCIÓN EN EL ESPACIO DE UNA COMUNIDAD SOCIAL, REFERENCIADA POR CARL ROGERS

Resumen

Este artículo tiene como objetivo buscar respuestas sobre la motivación del uso temprano del alcohol por los adolescentes en Brasil y sus efectos nocivos, dentro del ámbito revisión de la literatura. En la actualidad la revisión de la literatura, a partir de estudios y artículos investigados, hemos tratado de encontrar contribuciones para desentrañar motivadores y los aspectos relacionados con las consecuencias físicas, psicológicas y sociales el uso y el abuso de alcohol por los adolescentes. En este sentido, el objetivo sigue siendo elementos presentes que podrían apoyar pistas de reflexión sobre las políticas públicas para la prevención y el posible proceso terapéutico con el fin de satisfacer la demanda de este cultivo de la población presenta en el artículo. Por lo tanto, el desarrollo de una propuesta de intervención viables proporcionó una oportunidad que satisfaga alguna parte de esta demanda, poniendo en tela de juicio el proceso de declaraciones y directrices de identidad adolescentes en esta etapa del desarrollo humano.

Palabras clave: Alcoholismo. La adolescencia. La educación. Psicología. Salud



INTRODUÇÃO

Na tentativa de buscar entender os meandros da precocidade do consumo do álcool por adolescentes no Brasil, é possível encontrar delineado em alguns trabalhos científicos o apontamento para aspectos comportamentais para essa fase, bem como para questões sociais e mercadológicas de bebidas alcoólicas com seus mecanismos de marketing. Em face desses aspectos, é possível dizer que o uso do álcool tem um grande respaldo de permissividade social, seja por aspectos sociais históricos ou por campanhas publicitárias que vão ao encontro de anseios de idealizações dos adolescentes, atingindo até mesmo crianças a fim de conquistar um público consumidor, conforme aponta Faria *et al.* (2011).

O ato de adolecer passa por movimentos de inconstâncias que pode se configurar por um período conturbado em torno da busca de identidade do adolescente, pois ele passa por uma dinâmica pela qual tenta se “localizar” em meio à sociedade e é a partir de uma relação com seus pares para se situar que o jovem acaba por tentar integrar várias autoimagens (BACHMAN *et al.*, 1978, HAAN, 1974; MARTIN; REDMORE, 1978 *apud* DAVIDOFF, 2006), pois a preocupação do adolescente na procura por um papel no meio social lhe causa uma confusão pela identidade, afinal, a preocupação com a opinião do outro o leva a modificar suas atitudes o tempo todo, remoldando sua personalidade muitas vezes num período muito curto de tempo, ao mesmo ritmo das transformações físicas que ocorrem com ele (ERIKSON, 1987 *apud* RABELLO; PASSOS, 2008). Nesse processo de tentativa de integração ao grupo de outros jovens, cuja instabilidade também pode ser significativa, possibilita-se dizer que tal processo pode vir a ser, na maioria das vezes, como se esse adolescente estivesse entrando numa sala de espelhos de um circo, cujas imagens refletidas são distorcidas e lhe darão pouca estabilidade de autoimagem.

A partir do que diz Erikson, o ser humano dá manutenção constante em suas defesas com o objetivo de preservar sua sobrevivência. Ao menor sinal de problema, ele aciona uma de suas defesas. Nesse processo de confusão de identidade, o adolescente pode vir a sentir-se vazio, em isolamento, com ansiedade, sentindo-se ainda, por vezes, incapaz de adequar-se ao mundo adulto, o que pode levá-lo muitas vezes a uma regressão. Nesse sentido, é possível que ocorra que o jovem projete suas tendências nos outros, pelo motivo de não suportar sua identidade (ERIKSON, 1987 *apud* RABELLO; PASSOS, 2008).

A realidade dos conflitos dos adolescentes, como a pressão social, relacionamento com os pais, tentativa de extroversão social e busca por sexo, podem ser alguns dos fatores que permitem dar indícios no processo de vulnerabilidade do adolescente em relação ao uso e abuso do álcool (NATIVIDADE *et al.*, 2012). Somado a todos esses fatores, podem-se ter as variáveis



que delinham a incursão precoce ao uso do álcool de uma parcela de adolescentes brasileiros (ROZIN; ZAGONEL, 2012).

Diante das questões correlatas no estudo de Natividade *et al.* (2012), os fatores como baixo comprometimento e realização pessoal de jovens universitários se co-relaciona com o consumo e o abuso do álcool. Nesse sentido, destaca-se ainda que, em contrapartida, os efeitos de prazer e efeitos anestésicos do mesmo que permitem uma sensação de liberação e aumento da fala e fácil inserção no meio social, conforme apontado por Rozin e Zagonel (2012) e os quais vem a servir como elementos de compensação para esse jovem.

No que diz respeito à acessibilidade, um dos primeiros pontos a se destacar é o de que o álcool é uma droga lícita, cuja legislação proíbe menores de 18 anos no Brasil. Para tanto, conforme Hingson *et al.* (1994), todos os estados americanos nos Estados Unidos da América tem por proibição a idade mínima de 21 anos para compra de bebidas alcoólicas, tendo como objetivo tanto a redução de consumo, quanto o envolvimento de jovens até 21 anos em acidentes automobilísticos fatais.

No que se refere ao acesso à mercadoria, trata-se de um produto muito acessível numa cultura de consumo que possui franca aceitação e cuja preferência é alta entre os adolescentes (FERREIRA *et al.*, 2011) pelo fato preponderante de produzir efeitos de satisfação imediatos ao consumo. Além de considerar tais aspectos, há ainda o fato de que dados mais específicos sobre a precocidade dos adolescentes em relação ao consumo de álcool revelam que os mesmos iniciam a ingerir bebidas alcoólicas em média aos 12 anos de idade, sendo que o sexo masculino apresenta maior prevalência no uso. E, que a bebida mais tomada é o vinho, em segundo lugar a cerveja, além do fato de que, há ainda a associação entre o consumo de tabaco, bebidas alcoólicas e drogas ilícitas juntamente com os fatores familiares que são envolvidos (MALTA *et al.*, 2011). Em relação às circunstâncias do envolvimento dos adolescentes em que se costumam beber, eles têm nas comemorações festivas o espaço mais propício e de maior frequência da bebida (MORENO *et al.*, 2010; ANDRADE *et al.*, 2012; RAPHAELLI *et al.*, 2011).

Segundo o V Levantamento Nacional do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID), realizado no ano de 2004, o total de 48.155 alunos do ensino fundamental e médio nas 27 capitais do Brasil, foi detectado que 65,2% já haviam consumido álcool em algum momento na vida. O mesmo levantamento do CEBRID em 2006 demonstrou que entre as idades de 12 a 17 anos, 48,3% já haviam bebido em algum momento na vida, sendo que deste percentual, 14,8% faziam uso regular, enquanto que 6,7% haviam adquirido o grau de dependência (MORENO *et al.*, 2010).

Estudos demonstram que é no período de desenvolvimento da adolescência que os jovens se encontram mais suscetíveis a terem o primeiro contato com o álcool (MORENO *et al.*, 2010), justamente pela grande facilidade na sua obtenção que leva ao consumo. Entre as causas que levam ao consumo, elencam-se ainda: pais liberais, ambiente familiar, preço baixo, disponibilidade física em bares e restaurantes, influência de grupos e das propagandas.

Em uma pesquisa feita na cidade de Embu do estado de São Paulo para uma totalidade de 1.533 adolescentes de ambos os sexos, numa faixa etária que variou entre 10 a 20 anos que estavam matriculados e que respectivamente frequentavam de forma regular o ensino fundamental ou médio em escolas estaduais em período matutino, verificou-se que 58,3% dos adolescentes já haviam experimentado bebida alcoólica (MORENO *et al.*, 2010).

Para Preto (2001), fatores socioculturais influenciam a família e a estrutura de desenvolvimento do adolescente, bem como a classe social, etnicidade, a educação e local de residência geram repercussões no ciclo de vida de toda a família. Nesse sentido, é perceptível que há diferença entre a experiência de famílias pobres em relação aos seus adolescentes em contraponto às famílias de classe média e alta. Para tanto, Preto (2001) aponta que, diferentemente de famílias de classe média e alta, os adolescentes das famílias pobres têm uma tendência a deixar mais cedo à escola, muitas vezes na busca por uma vaga de emprego, segundo ele, isso acaba por aumentar e muito as probabilidades de envolvimento na criminalidade, no uso com as drogas e com o alcoolismo.

A partir de um levantamento com 1.115 adolescentes nas faixas etárias entre 12 a 16 anos que estavam cursando as 7ª e 8ª séries de escolas de ensino público no município de São Bernardo do Campo para o período de 2006 e 2007, demonstrou-se que as variáveis ligadas a peças publicitárias relacionadas a influência ao consumo de cerveja repercutem para os adolescentes pesquisados como mensagens ressonantes de verdades, bem como sendo representativas da realidade pela qual os jovens vivem nos seus ambientes sociais (FARIA *et al.*, 2011).

Dentre os aspectos relacionados à facilitação do acesso ao álcool, reside o aspecto cultural em torno de sua larga aceitação social, sobretudo quando tal permissividade recebe o aporte mercadológico e publicitário. Pois, em 2008 o governo federal tentou suspender a propaganda de bebidas alcoólicas no país, no entanto, devido ao movimento da indústria cervejeira, acabou por manter-se estabelecido o espaço de promoção publicitária para o produto (FARIA *et al.*, 2011). Não por acaso, em virtude desse conjunto de fatores, a bebida alcoólica é a droga mais consumida pelos adolescentes, vindo, dessa forma, a ser um objeto de fácil acesso em

que o adolescente se torna mais exposto precocemente a um tipo de droga (ROZIN; ZAGONEL, 2012).

O uso precoce do álcool por adolescentes pode representar danos sérios a curto, médio e longo prazo, como demência alcoólica, hepatite, pancreatite, infarto, arritmia, trombose e cardiomiopatia alcoólica (MORENO *et al.*, 2010). No que tange ao aparelho psíquico, em especial, levando-se em conta que o mesmo na fase juvenil se encontra em franco processo maturacional, se verificam sérios prejuízos neuropsicológicos, como no sistema dopaminérgico afetando a memória, bem como nas vias do córtex pré-frontal, do sistema límbico entre outros aspectos cerebrais (PECHANSKY *et al.*, 2004), além do fato de que, há como efeito no aparelho psíquico, em processo de desenvolvimento, uma maior propensão à dependência química na fase adulta, ou seja, as chances desse adolescente se tornar um adulto alcoolista ou adicto de outras drogas cresce exponencialmente, é o que indica os apontamentos de Pechansky *et al.* (2004) e Petroianu *et al.* (2010).

Para tanto, os aspectos psicológicos com uso do álcool pelo adolescente podem levar a atitudes de onipotência, desconsiderando perigos eminentes, vindo a se expor por meio de comportamentos de riscos (PECHANSKY *et al.*, 2004), com maiores chances de cometerem ou sofrerem violência, além de atitudes de promiscuidade sexual (CASTRO *et al.*, 2011), estando, assim, expostos mais facilmente para doenças do tipo DST e HIV, além de acidentes fatais automobilísticos, o que pode envolver outras vítimas.

Diante das muitas questões em torno da invisibilidade dos aspectos sintamotológicos das patologias e, portanto, da própria patologia, como é o caso do alcoolismo, bem como das comorbidades em seu entorno, como o transtorno bipolar, por exemplo, que faculta e muito o abuso de álcool e drogas, constata-se que para se contar com a mínima probabilidade possível para um bom andamento num processo de tratamento, se faz necessário o auto reconhecimento e de voluntarismo por parte do sujeito diante de sua condição, havendo, no entanto, muitas vezes, ainda a ausência de percepção social de uma patologia em curso.

No que tange a esfera de atendimento público também do dependente químico é possível contar com os Núcleos de Atendimento Psicossocial e seus módulos afins que vieram em substituição aos modelos manicomiais, observa-se que os modelos prevalentes dispostos no país são os substitivos CAPS, NAPS, Hospital-Dia e similares. Para tanto, quando se fala de Atenção Psicossocial, segundo Pereira e Costa-Rosa (2012), apresenta-se aí uma designação pertinente a um tipo de clínica especializada, porque vem a tratar de estratégias bastante específicas e singulares no que se refere ao sofrimento. É possível dizer, portanto, que a Atenção Psicossocial seguiu um avanço e veio a expressar uma nova representação ao imprimir um

“novo” paradigma à Saúde Mental, quando apresenta avanços no campo político, técnico e ideológico.

Conforme Pereira e Costa-Rosa (2012), o Modo Psicossocial é um modal promotor de saúde que foca no sujeito que está em sofrimento, vindo, portanto, a considerar o âmbito sociopolítico da doença e seus fatores biológicos psicossociais e culturais, bem como considerar as implicações que se voltam ao sujeito do sofrimento perante o tratamento e na sua inserção na Instituição. É importante observar que a ação é integral e vem a ser realizada por uma equipe interprofissional, ocorrendo assim um processo de diálogo de múltiplos conhecimentos; visando o respeito e a organização institucional, bem como as relações em níveis horizontais, em que se promova em forma de reuniões capacitadoras em aumentar o poder de decisão da coletividade, tendo como direcionamento a autogestão e a priorização da interdisciplinaridade. No entanto, aparecem críticas que apontam que as mudanças dos modelos substitutivos vão somente em direção dos aspectos puramente mobiliários e arquitetônicos. Para tanto, entender esses espaços ou outros similares como campos de convivência de livre acesso, parece ser o ponto forte onde o atendimento das subjetividades poderiam ser um dos grandes ganhos para seus usuários.

Diante do atual modelo, o qual se percebe está voltado para um atendimento para a dependência de jovens e adultos, torna-se imperioso ainda priorizar um trabalho cuja demanda precisa trabalhar questões de um atendimento que esses modelos substitutivos não conseguem alcançar que é a Psicoeducação, por ser esse preventivo e vir a trabalhar com questões existenciais dos jovens para o direcionamento de potenciais produtivos e de papéis sociais.

Menezes e Souza (2012) evidenciam a relevância das abordagens psicoterápicas, como, por exemplo, a Psicoeducação. As pessoas submetidas a esse tipo de abordagem relatam que receberam várias informações e benefícios, como a aquisição de conhecimentos tanto teóricos, quanto práticos em que aprenderam a se conscientizar sobre a doença e, assim, aderem ao tratamento e sentem-se fortalecidas a realizar mudanças positivas na vida.

Para se ter a eficiência no tratamento segundo Menezes e Souza (2012), é de extrema importância o desenvolvimento das áreas biopsicossociais, e essas podem ser modificadas através das abordagens psicoterápicas, as quais ajudaram os pacientes a se conhecerem melhor e a terem maior adesão e comprometimento ao tratamento de maneira adequada, diminuindo o número e o tempo de internação, assim como um aumento na autoestima e qualidade de vida do paciente e dos familiares, com isso podendo retornar ao trabalho e a sua vida pessoal.

O início do desenvolvimento da Psicoeducação foi no ano de 1970, segundo Menezes e Souza (2012), ela funciona no tratamento como adicional ao fármaco. No grupo de Psicoeducação desenvolvido na Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP),

funciona como um grupo aberto, com a participação em média de 30 pessoas, nos encontros são ministradas palestras com temas sugeridos pelos próprios participantes, os temas variam desde a conscientização da doença até o tratamento.

Mas como atender de forma terapêutica e preventiva ao sujeito sem que o projeto não seja Psicoeducacional fora dos ambientes doméstico, social ou um ambiente que seja claramente acolhedor? As pessoas que participam do grupo de Psicoeducação segundo Menezes e Souza (2012), sentem que estão em um lugar seguro e confiável, no qual tem a liberdade de expor suas experiências sobre a doença sem medo de serem julgadas por possuírem uma doença mental.

Para tanto, objetivando processos que venha a gerar dinâmicas e ações como a Psicoeducação, é possível perceber um conjunto de movimentos no processo da relação terapêutica que servem para estruturar o sujeito diante de questões existenciais, trabalhando com ele sua relação com os papéis sociais.

Segundo Lassance e Sarriera (2012), ressaltam ainda a importância de se ter instrumentos dirigidos como *Saliency Inventory*, então nominado no Brasil como o Inventário de Saliência (IS), voltado para uma amostra de uma população de adultos, vindo a preencher uma lacuna histórica, sendo formada por uma ausência de instrumentos de cunhos nacionais para a avaliação da saliência. Tal Inventário de Saliência objetivariam criar uma série de dados das mensurações da satisfação e *stress* laboral realizadas, que são instrumentos importantes que dão a dimensão do grau de assertividade das escolhas de carreiras e, portanto, permitem também depreender, por sua vez, a relação com conflitos originados pela ausência da construção de um conhecimento de identidade de papéis sociais no início da vida social do sujeito com repercussões negativas na sua vida laboral posteriormente.

Conforme Super (1980 *apud* LASSANCE; SARRIERA, 2012) os papéis dão a vida um significado estruturando-a. Portanto, ainda, conforme Super (1980, 1990), Super, Savickas, & Super (1996 *apud* LASSANCE; SARRIERA, 2012) configura-se o desenvolvimento – que acontece em processos de estágios pelos quais os indivíduos acabam por se defrontar com as vivências evolutivas de demandas sociais – justamente no espaço de cunho social por meio da atuação de papéis, de uma forma corrente ou simultânea, vindo a se consubstanciar num estilo de vida. Os papéis podem ser determinantes e centrais em certos períodos da vida, tornando-se periféricos ou ainda, de certa forma, inexpressivos, inexistentes ou podem ser desempenhados de maneira distinta em momentos diferentes do ciclo considerado vital, como o que ocorre, por exemplo, com o papel infantil cuja transição para a fase adulta o indivíduo posteriormente passar a ter a responsabilidade do cuidado com os pais em idade mais avançada. Portanto, os papéis acabam por se organizar de forma particular para cada indivíduo e nos estágios da vida, dentro

desse processo de organização se canaliza e tipifica-se a inserção do sujeito na esfera social. Conforme aponta Savickas (2002 *apud* LASSANCE; SARRIERA, 2012), os papéis que são considerados centrais constituem-se no cerne daquilo ou em quem o sujeito vem a ser; pois são fundamentais para a sua identidade social e sua essência, bem como para atender a sua satisfação de vida.

Nesse sentido, objetivar trabalhos direcionados nos espaços sociais do sujeito em que ele possa se sentir disposto num ambiente natural para lidar com questões que lhe são pertinentes a esfera social, poderá ser mais indicado para desenvolver de forma multidisciplinar ferramentas operativas que busquem atender uma demanda de ordem psicológica do sujeito num contexto também coletivo, vindo a recorrer à coletividade e ao senso de comunidade como o descrito por Carl Rogers (1983) para se alcançar aos papéis sociais que somente a solidariedade e a questão relacional propiciam.

Para tanto, nesse processo integrativo, Rogers em relação à experiência dos seus *Workshops*, diz:

Nessas comunidades, a maioria dos participantes vivencia tanto uma percepção aguda de seu próprio poder quanto um sentimento de união estreita e respeitosa com todos os demais membros do grupo. No desenrolar do processo, verificam-se uma comunicação interpessoal cada vez mais aberta, um senso de união recente e uma *psique* coletiva harmoniosa, de natureza quase espiritual (ROGERS, 1983, p.53).

Segundo Rogers (1983), nesses grupos – como ocorrem nos *Workshops* –, os sujeitos acabam por envidar esforços com o objetivo de estabelecer uma espécie de clima pelo qual o indivíduo participante possa vir fazer suas próprias escolhas, venha a participar em condições em pé de igualdade com os demais na planificação ou na execução das atividades, venha a tornar-se mais consciente do seu poder pessoal, tornando-se cada vez um sujeito mais autônomo e criativo como se fora arquiteto da própria vida. Devido a esse destaque global no fortalecimento do sujeito Rogers é levado a considerar a abordagem como sendo centrada na pessoa.

Nesse sentido, Rogers (1983) salienta que, essa abordagem filosófica, é pedra fundamental do que passa a descrever, pois não é o único *starting* possível para a constituição de comunidades. As comunidades, segundo ele, surgiram na pré-história, quando nossos ancestrais reuniam-se em bandos e grupos com o objetivo comum de caçar e, mais tarde, o da agricultura. E, nas comunidades dos índios americanos, encontram-se os padrões baseados nos chamados ritos e as filosofias pelas quais se pode tirar proveito, pois existem diversas formas de comunidades, que centradas na pessoa foram organizadas em diferentes contextos. Há por exemplo, professores que têm conseguido criar tais entidades em suas salas de aula. Em um número expressivo de organizações, há os grupos de trabalho que se desenvolveram e acabam

funcionando nos moldes da abordagem então centrada na pessoa. Há ainda alguns grupos paroquiais que também funcionam assim. Numa escala muito reduzida, as indústrias que têm feito experiências muito satisfatórias com essas comunidades – até o dado momento em que o objetivo do crescimento pessoal acaba entrando em conflito com a chamada meta do lucro.

Em resumo, há um potencial que pode ser considerado um fermento que está em ação em nossa cultura e que vem dando ensejo a muitos esforços na direção do destaque à maior dignidade, à autodeterminação e à auto capacidade do indivíduo. Como no caso da cultura, que se está tateando na busca de futuras formas de uma vida comunitária em que o poder pode e é compartilhado no relacionamento em que estabelecemos com o grupo e os seus integrantes. Permitimo-nos “ser”; e permitimos que os outros também “sejam”. E, muito provavelmente, quando estamos em nossa melhor condição, a vontade de manipular ou julgar as ações ou pensamentos dos outros é muito pequeno, para não dizer, mínima. Quando as pessoas são tocadas deste modo, quando se sentem aceitas como são, acabam-se por revelar muito criativas e plenas de capacidades e recursos para avaliar e transformar suas próprias vidas (ROGERS, 1983).

Para Rogers (1983), portanto, fazemos questão de responder a uma pessoa no momento em que ela falou de forma mais abertamente, mas ninguém respondeu. Temos a tendência, assim, de valorizar cada pessoa. Não paramos por aí. Enquanto grupo, estamos de forma contínua explorando novas faces da nossa experiência enquanto indivíduos. Isso significa que enfrentamos abertamente os aspectos psíquicos e que cada vez mais de forma intuitiva também, nossas vidas.

OBJETIVOS

Buscar respostas sobre fatores influenciadores para o uso e abuso precoce do álcool por adolescentes, bem como identificar políticas públicas para atender a demanda terapêutica e de prevenção de saúde pública para adolescentes passíveis de situação risco de alcoolismo e drogadição.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado na perspectiva das pesquisas de revisão bibliográfica, tendo em vista o seu potencial de mapear e analisar a produção científica em diferentes áreas do conhecimento do período de 2010 a 2013. Também foram considerados os pressupostos da



pesquisa bibliográfica, que implica em um conjunto sistemático de procedimentos que possibilitam identificar o que já foi produzido sobre um determinado tema, bem como apontar possíveis lacunas. O material foi selecionado através de consulta à BVS Online, escolhida por agregar e disponibilizar grande parte dos estudos científicos nacionais. Considerando-se que o objetivo do estudo esteve centrado na análise da produção científica brasileira, não foram incluídas bases de dados internacionais. O acesso aos bancos de dados foi realizado no mês de novembro de 2014, por dois pesquisadores distintos. Como estratégias de busca, foi utilizado descritores-chave relacionados à temática de estudo, construídos previamente.

Para construção dos resultados, foram considerados os títulos e as seguintes palavras-chave: álcool, adolescentes, abuso, uso precoce, bem como a leitura dos resumos de todas as publicações identificadas, além de outros temas como psicoeducação, modelos terapêuticos substitutivos e antimanicômias. Os trabalhos de Pesquisa Básica estavam voltados para temas do comportamento, personalidade, adolescência, conceitos epidemiológicos e fatores etiopatogênicos, bem como compreensão de aspectos psicossociais que permeiam de forma transversa dentro da construção do texto.

A pesquisa bibliográfica documental consistiu ainda na leitura dos livros “Um Jeito de ser” de Rogers C., “Introdução à psicologia: terceira edição” Davidoff L.L, e “As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar.” Carter, B.; Mcgoldrick. o que permitiu a seleção de conteúdo para compor o trabalho numa análise quantitativa e qualitativa de dados.

RESULTADOS E ANÁLISE

Diante da revisão de literatura realizada sobre o tema pesquisado, foi possível apreender um conjunto de informações que dão conta de uma demanda alarmante que atinge muito precocemente a adolescência brasileira ao uso de bebidas alcoólicas, bem como seus efeitos nocivos cujos possíveis fatores foram a razão do problema pela qual se direcionou essa pesquisa.

Os artigos, de maneira geral, abordaram como tema a questão do uso de álcool por adolescentes estudantes do ensino fundamental, médio e universitários. Nas pesquisas percebe-se que foram realizados tanto na zona rural como na zona urbana, e em escolas públicas e privadas. Além do uso do álcool foi possível observar a correlação com outras drogas, nisso, verifica-se que são vários os fatores de risco na iniciação do adolescente ao uso de álcool. Em alguns dos temas pesquisados foram envolvidos os pais, e a questão da propaganda do álcool associado ao consumo pelos adolescentes. Dentre as revistas nas quais se teve mais artigos publicados foi a da



Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, com três publicações dos artigos utilizados, seguida com duas publicações a Revista Rev Saúde Pública. As demais revistas Rev Assoc Med Brasileira; Acta Paul Enfermagem; Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro; Revista Brasileira de Psiquiatria; Rev Bras Epidemiol; Rev Enferm UERJ, Rio de Janeiro; Rev Esc Enferm USP tiveram só uma publicação cada. Quanto aos autores nenhum se repetiu, cada artigo revisado foi realizado por autores diferentes.

No que se refere questão de saúde pública que envolve o alcoolismo já conhecido no contexto dos adultos, foi possível estender contexto também aos adolescentes cuja motivação para o uso e abuso é alvo de busca dessa pesquisa para um fenômeno que ainda requer muitas respostas.

Ao pesquisar o adolescente, é possível verificar e descrever um adolescente do ensino fundamental, de escola pública e privada onde se encontra percentuais de casos de envolvimento com o uso de álcool e outras drogas, sobretudo no que tange a correlação da drogadição com o *bullying* e violências físicas entre jovens.

Verifica-se ainda, que os fatores influenciadores se originam também do próprio lar a partir de exemplos no consumo excessivo de álcool por parentes que têm nessa rotina uma conduta considerada normal, além do fato da ausência da devida prevenção para com o jovem que pode levá-lo ao comportamento de risco com facilidade, somando-se a isso há ainda a propaganda de álcool com idealizações de estilo de vida que seduzem os adolescentes. Ao considerar esses fatores, avalia-se que em virtude da precocidade do consumo, acaba-se promovendo o estímulo e desencadeando fatores que podem fortemente predispor para uma dependência química para esta faixa etária no período de seu desenvolvimento, bem como por consequência para a etapa adulta.

Dentre as pesquisas realizadas, foi executada uma pesquisa por equipes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os meses de março e junho de 2009. Além disso, foram realizados estudos transversais, no quais foram analisados fatores como sexo, idade, renda e nível de escolaridade em população urbana e rural de uma grande variedade de amostragem de municípios brasileiros.

Também foi realizado um estudo qualitativo com estudantes do 6º ano, do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Outra pesquisa realizada foi a do tipo descritiva cuja realização iniciou-se primeiramente com um pré-teste onde teve a elaboração de um questionário semiestruturado com 25 questões no que se refere ao uso de álcool.

A partir de dados provenientes da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), foi realizado um estudo de análise cujo processo amostral teve sua realização em duas etapas, tendo a aplicação de um questionário.

Em determinado conjunto de entrevistas realizadas com estudantes, verificou-se que a variável dependente foi consumo de cerveja nos últimos 30 dias. Aspectos, como idade, importância dada à religião, e ter banheiro em casa foram utilizadas como controle.

O método de revisão de literatura buscou responder à seguinte questão norteadora: “Quais indícios foram encontrados na literatura sobre fatores influenciadores para o uso precoce de álcool por adolescentes?”

Em relação ao número de participantes, o maior número de adolescentes envolvidos nas pesquisas foi de 1533 de ambos os sexos à faixa etária foi de 10 a 20 anos. Dos 10 artigos pesquisados seis deles foram feitos com adolescentes estudantes matriculados e frequentando regularmente o ensino fundamental e médio de escolas públicas, sendo que uma das pesquisas foi realizada em escola privada. Somente um dos estudos foi realizado em escola rural com a participação dos pais, os quais também fizeram parte da pesquisa. Dos seis artigos restantes pesquisados, dois deles foi realizado com jovens de 18 a 28 anos, cursando uma universidade.

Quanto aos resultados obtidos a partir da revisão dos 10 artigos, observou-se o quanto foi expressivo a porcentagem em relação ao número de adolescentes universitários que afirmaram já ter consumido álcool uma vez na vida, chegou a 90,1% entre ambos os sexos. Esse valor é um pouco menor em relação aos adolescentes estudantes do ensino fundamental e médio com 58,3% adolescentes afirmando que já experimentaram álcool uma vez na vida.

Outro dado interessante foi o uso de álcool em relação ao sexo, verifica-se que o sexo masculino bebe mais do que o feminino. Outra análise realizada foi entre a relação do uso de álcool e o envolvimento com a violência, cuja porcentagem alcança 18,6% dos participantes. Nos dados obtidos por meio da revisão de literatura nos 10 artigos, é possível observar que na maioria deles o consumo de álcool está relacionado com o consumo de outra droga junto, como tabaco, maconha, LSD, solventes, estimulantes e ansiolíticos.

Observou-se que a maior causa da iniciação precoce do jovem no uso de bebidas alcoólicas procede do grupo familiar, muitas vezes por seguir o modelo dos pais, ou pelo fato da família apresentar-se muito liberal. Nesse sentido, é possível analisar que somente um dos artigos realizou a pesquisa envolvendo os pais, os demais buscaram analisar apenas o adolescente. Caso fosse analisado englobado numa análise o conjunto familiar, muito provavelmente, se permitiria alcançar a indícios da problemática do uso precoce de drogas, sobretudo o álcool pelo jovem.

Além dos aspectos expostos diante dos resultados da análise das publicações pesquisadas, evidencia-se, sobretudo que o papel midiático é bastante influenciador ao consumo, sendo associado a uma cultura permissiva sobre a droga lícita cuja legislação prevê a proibição para menores de 18 anos, enquanto que em países como os EUA essa proibição é para menores de 21 anos, pois que em se considerando a fase maturacional neurológica do jovem, tal restrição parece ser minimamente mais ajustável a sua preservação fisiológica.

Os danos, sequelas físicas e psicológicas em virtude da precocidade no uso do álcool parece afetar a sociedade como um todo. Destaca-se ainda que, os aspectos psicossociais de origem familiar são também corresponsáveis pela permissividade ou na ausência de orientação e referência sobre as consequências futuras para os jovens que se encontram em franca fase de desenvolvimento biológico, psicológico e social, pois que o uso precoce pode facultar a predisposição do jovem de se tornar no futuro um adulto alcoolista ou adicto de outras drogas, vindo, dessa forma, a compor um quadro sintomático de efeitos diversos de comorbidades, bem como de aspectos sociais danosos.

Dentro dos objetos pesquisados, foi possível rever os projetos substitutos aos modelos manicomiais que visam dar suporte no atendimento para o tratamento na dependência química, bem como encontrar material que procura dar conta de ações de cunho psicoeducativos permitindo ser de grande importância no processo de autoconhecimento da condição terapêutica do sujeito com sua problemática quando reconhecida pelo mesmo.

Em se tratando de saúde pública e demandas de atendimento psicossocial, foi possível fazer uma revisão de pesquisas nesse sentido a fim de se buscar novas alternativas para priorizar e possibilitar ao adolescente a recuperação e a prevenção dos prejuízos causados pelo uso inadequado do álcool ao ser humano, sobretudo para a faixa etária que está com seu físico e cérebro em fase de formação e, portanto, completamente suscetível a danos com consequências mais severas de múltiplas dimensões, como apontou alguns estudos.

Considerando os projetos de cunho psicoeducacionais como uma proposta mobilizadora e de possibilidade num espectro de percepção identitário e de autopercepção, propõe-se o desenvolvimento de um projeto multidisciplinar com fins psicopedagógicos para atender a demanda de percepção de identidade de papéis sociais e de potencialidades e habilidades dos jovens como um contraponto ao conjunto sintomático dos vazios existenciais identitários, que vise uma abordagem de cunho terapêutico e preventivo que além das questões existenciais e integre questões pertinentes ao mundo do jovem e, sobretudo, da temática do álcool e a drogadição.

Trata-se, portanto, de uma proposta com possibilidade de intervenção por meio de Processos Grupais Educativos dentro do espaço social comunitário em que seja possível unir processos grupais de cunho psicopedagógicos, atividades de terapia ocupacional e elementos de orientação de potencial, visando, assim, oferecer indicativos de papéis sociais abordados pela psicologia haja visto que o processo de avaliação de potencial, anteriormente chamados de orientação vocacional, trata-se de um instrumento de alto custo financeiro no âmbito particular e, em geral, muito inacessível para muitos jovens e cujo benefício de tal avaliação pode ser determinante para definir rumos sociais na vida futura do sujeito. Tal projeto de ação pode englobar estudantes das áreas da psicologia, pedagogia, educação, enfermagem, medicina e terapia ocupacional. A proposta de intervenção no espaço social comunitário, portanto, pode vir a auxiliar no estancamento da evasão escolar, sobretudo para os adolescentes de grupos sociais economicamente menos favorecidos, na medida em que se estimula e se incentiva a busca por uma formação escolar, além de facultar um maior grau de assertividade na escolha da carreira profissional, vindo, dessa forma, a atender parcialmente a uma demanda antiga de orientação de potencial às camadas sociais da população brasileira, que não vislumbram esse serviço.

Diante da demanda social do jovem, portanto, é possível desenvolver *workshops* nos moldes daqueles desenvolvidos por Carl Rogers, voltados para ações de Psicoeducação, Nos espaços de trabalhos comunitários com o aspecto de promoção de processos grupais, valorizando habilidades e avaliando potenciais, pois que a atuação social e os aspectos identitário podem estar mais fragilizados para esse jovem.

A abordagem com processos grupais no projeto de ação inclui também as dinâmicas de grupos que permitem aprofundar o trabalho de amadurecimento de papéis sociais ao mesmo tempo em que explora as capacidades dos sujeitos. Numa proposta de dinâmica de grupo, portanto, abordam-se as expectativas dos integrantes frente às funções futuras, bem como o desempenho de especificidades de atividades já exercidas e suas experiências, se foram programadas ou não e como se sentem em relação a isso, sendo utilizados, ainda, outros mecanismos afloradores de autopercepção de potencialidades e integração.

As dinâmicas de grupos não promovem vereditos de orientação potencial, mas cumpre um papel de afloradores de potencial, permitindo, assim, desvelar possibilidades a serem exploradas.

Conclui-se, portanto, que tal proposta de intervenção pode tornar-se um dispositivo pelo qual o sujeito acaba saindo da sua individualidade, quando solicitado e estimulado, para fazer-se útil, tanto para si, quanto para o outro, ou seja, quando estimulado, o sujeito é capaz de emitir uma resposta e acessar a um repertório até então não acessado de forma direta

anteriormente. Tal processo pode resultar numa nova ressignificação de valores e inclusão de papéis sociais oportunizando, assim, ao adolescente um encontro consigo mesmo e em direção a um mundo com novo sentido e novas perspectivas.

Para tanto, a proposta de intervenção visa ainda uma ação terapêutica e preventiva de saúde para atender uma faixa da população que está passível de sérios problemas com consequências biopsicossociais de curto, médio e longo prazo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa foi possível observar os fenômenos psicológicos que envolvem os sujeitos e o conjunto social em torno do consumo precoce do álcool e identificar certa quantidade de fatores que atingem precocemente a adolescência, como: pais liberais, ambiente familiar, preço baixo, disponibilidade física em bares e restaurantes, influência de grupos e das propagandas.

O estudo permitiu ainda identificar lacunas no sentido terapêutico e preventivo direcionado para a demanda juvenil no que tange à intervenção, possibilitando-nos, por outro lado, propor uma alternativa de intervenção no sentido de buscar atender uma demanda social antiga de orientação de potencial às camadas sociais da população brasileira, que não vislumbram esse serviço, vindo a facultar a assertividade da escolha profissional e o incentivo ao interesse pela formação acadêmica. Para tanto, a proposta de intervenção inserida na grade escolar da rede pública visa ainda uma ação terapêutica e preventiva de saúde para atender uma faixa da população que está passível de sérios problemas com consequências biopsicossociais de curto, médio e longo prazo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S.S.C.A.; YOKOTA, R.T.C.; BANDEIRA, N.N.; SILVA, M.M.A., ARAUJO, W.N.; MASCARELHAS, M.D.M.; MALTA, D.C. Relação entre violência física e consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p. 1725-1736, set. 2012.

CASTRO, M.L.; CUNHA, S.S.; SOUZA, D.P.O. Comportamento de violência e fatores associados entre estudantes de Barra do Garças, MT. **Rev. Saúde Pública**, Cuiabá, v. 45, n. 6, p. 1054-61, out. 2011.



O uso precoce do álcool por adolescentes no Brasil e uma proposta de intervenção no espaço social comunitário, referenciado em Carl Rogers

DAVIDOFF, L.L. Adolescência e vida adulta In: _____. **Introdução à psicologia: terceira edição**. São Paulo: Pearson Makron Books, 2006. (Capítulo 11)

FARIA, R.; VENDRAME, A.; SILVA, R.; PINSKI, I. Propaganda de álcool e associação ao consumo de cerveja por adolescentes. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 441-7, out. 2011.

FERREIRA, L.N.; SALES, Z.N.; CASOTTI, C.A.; BISPO JUNIOR, J.P.; BRAGA JUNIOR, A.C.R. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas e fatores associados em um município do Nordeste do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 8, p. 1473-86, ago. 2011.

HINGSON, R.; HEEREN, T.; WINTER, M. Lower legal blood alcohol limits for young drivers. **Public Health Rep.**, v. 109, n. 6, p. 738-744, nov./dec. 1994.

LASSANCE, M.C.; SARRIERA, J.C. Adaptação e Validação do Inventário de Saliência (Salience Inventory) para Adultos Brasileiros. **Paidéia**, v. 22, n. 52, p. 177-186, mai./ago. 2012.

LOPES, G.T.; BELCHIOR, P.C.; FELIPE, I.C.V.; BERNARDES, M.M.; CASANOVA, E.G.; PINHEIRO, A.P.L. Dinâmicas de criatividade e sensibilidade na abordagem de álcool e fumo com adolescentes. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 33-38, jan./mar. 2012.

MALTA, D.C.; PORTO, D.L.; MELO, F.C.M.; MONTEIRO, R.A.; SARDINHA, V.L.M.; LESSA, B.H. Família e proteção ao uso de tabaco, álcool e drogas em adolescentes, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. **Rev. Bras. Epidemiol.**, v. 14, n. 1, Supl., p. 166-77, 2011.

MENEZES, S.L.; SOUZA, M.C.B.M. Implicações de um grupo de Psicoeducação no cotidiano de portadores de Transtorno Afetivo Bipolar. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 124-31, 2012.

MORENO, R.S.; VENTURA, R.N.; BRÊTAS, J.R.S. O uso de álcool e tabaco por adolescentes do município de Embu, São Paulo, Brasil. **Rev. Esc. Enferm. USP**, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 969-77, 2010. Disponível em: <www.ee.usp.br/reecusp/> Acesso em: 10 jun. 2015.

NATIVIDADE, J.C.; AGUIRRE, R.C.; BIZARRO, L.; HUTZ, C.S. Fatores de personalidade como preditores do consumo de álcool por estudantes universitários. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 6, p. 1091-1100, jun. 2012.

PECHANSKY, F.; SZOBOT, C.M.; SCIVOLETTO, S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. **Revista Brasileira Psiquiatria**, v. 26, Supl. I, p. 14-17, 2004.



O uso precoce do álcool por adolescentes no Brasil e uma proposta de intervenção no espaço social comunitário, referenciado em Carl Rogers

PEREIRA, E.C.; COSTA-ROSA, A. Problematizando a Reforma Psiquiátrica na Atualidade: a saúde mental como campo da práxis. **Saúde Soc. São Paulo**, v. 21, n. 4, p. 1035-1043, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v21n4/v21n4a20.pdf>> Acesso em: 30 mai. 2015.

PETROIANU, A.; REIS, D.C.F.; CUNHA, B.D.S.; SOUZA, D.M. Prevalência do consumo de álcool, tabaco e entorpecentes por estudantes de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. **Rev. Assoc. Med. Brasileira**, Belo Horizonte, v. 56, n. 5, p. 568-71, jul. 2010.

PRETO, N.G. Transformação do sistema familiar na adolescência. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 223-247.

RABELLO, E.T.; PASSOS, J.S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. 2008. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com>> Acesso em: 19 nov. 2014.

RAPHAELLI, C.O.; AZEVEDO, M.R.; HALLAL P.C. Associação entre comportamentos de risco á saúde de pais e adolescentes em escolares de zona rural de um município do sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 12, p. 2429-2440, dez. 2011.

ROGERS, C. **Um Jeito de Ser**. São Paulo: E.P.U., 1987.

ROZIN, L.; ZAGONEL, I.P.S. Fatores de risco para dependência de álcool em adolescentes. **Acta Paul Enferm.**, v. 25, n. 2, p. 314-8, 2012.

